

Arthur Conan Doyle

AS MEMÓRIAS DE
SHERLOCK HOLMES

Tradução:

Maria Luiza X. de A. Borges



ZAHAR

Título original: *The memoirs of Sherlock Holmes*

Copyright desta edição © 2014:

Jorge Zahar Editor Ltda.

rua Marquês de S. Vicente 99 – 1º | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ

tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787

editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Revisão: Carolina Sampaio, Eduardo Farias

Projeto gráfico: Carolina Falcão

Capa: Rafael Nobre/Babilonia Cultura Editorial

Imagem da capa: © Marc Moritsch/Getty Images

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Doyle, Arthur Conan, Sir, 1859-1930

D784m As memórias de Sherlock Holmes/Arthur Conan Doyle;
tradução Maria Luiza X. de A. Borges. – 1. ed. – Rio de Janeiro:
Zahar, 2014.

il. (Bolso de Luxo)

Tradução de: *The memoirs of Sherlock Holmes*

ISBN 978-85-378-1280-8

1. Ficção policial inglesa. I. Borges, Maria Luiza X. de A. II.
Título. III. Série.

CDD: 823

CDU: 821.111-3

14-12705

SILVER BLAZE

“PARECE QUE TEREI mesmo de ir, Watson”, disse Holmes certa manhã quando nos sentamos para nosso desjejum.

“Ir! Para onde?”

“Para Dartmoor King’s Pyland.”

Não fiquei surpreso. Na verdade, só o que me espantava era que ele ainda não estivesse envolvido naquele caso extraordinário, a única coisa de que se falava em toda a Inglaterra. Meu companheiro passara um dia inteiro perambulando pela sala, o queixo enfiado no peito e as sobrelanceiras cerradas, enchendo e voltando a encher seu cachimbo com um fumo preto fortíssimo e absolutamente surdo às minhas perguntas ou observações. Novas edições de todos os jornais lhe haviam sido enviadas por nosso jornaleiro, para receberem apenas uma vista-d’olhos e serem jogadas num canto. Contudo, por mais silencioso que ele estivesse, eu sabia perfeitamente bem sobre o que matutava. Só havia um problema perante o público capaz de desafiar seus poderes de análise: o singular desaparecimento do favorito para a Copa de Wessex e o trágico assassinato de seu treinador. Portanto, ao anunciar subitamente sua intenção de partir para o cenário do drama, ele fazia o que eu ao mesmo tempo esperava e desejava.

“Ficaria extremamente feliz em ir com você, se não for atrapalhá-lo”, disse eu.

“Meu caro Watson, você me faria um enorme favor indo comigo. E penso que não perderá seu tempo, porque o caso tem aspectos que prometem torná-lo absolutamente incomparável. Parece-me que temos justo o tempo necessário para pegar nosso trem em Paddington; durante a viagem me alongarei sobre o assunto. Ficaria muito agradecido se levasse consigo seu excelente binóculo.”

Assim foi que, cerca de uma hora mais tarde, vi-me no canto de um vagão de primeira classe, voando rumo a Exeter, enquanto Sherlock Holmes, o semblante arguto e impaciente emoldurado por seu boné de viagem com protetores para as orelhas, mergulhava rapidamente no monte de jornais novos que comprara em Paddington. Já havíamos deixado Reading para trás quando Holmes jogou o último deles embaixo do assento e me estendeu sua charuteira.

“Estamos indo numa boa marcha”, disse, olhando pela janela e relanceando seu relógio. “Nossa velocidade neste momento é de cinquenta e três milhas e meia por hora”.

“Não notei os marcos de quarto de milha”, observei.

“Eu tampouco. Mas os postes telegráficos nesta linha estão a sessenta jardas uns dos outros, e o cálculo é simples. Você prestou alguma atenção a esse assunto do assassinato de John Straker e do desaparecimento de Silver Blaze?”

“Li o que o *Telegraph* e o *Chronicle* têm a dizer.”

“Este é um daqueles casos cuja análise depende mais da arte de esquadriñar detalhes que da obtenção de novos indícios. A tragédia foi tão incomum, tão completa, de tamanha importância pessoal para tanta gente, que estamos sofrendo

de um excesso de suposições, conjecturas e hipóteses. A dificuldade está em dissociar a estrutura dos fatos — fatos absolutos, inegáveis — dos embelezamentos feitos por teóricos e repórteres. Depois, tendo nos firmado sobre essa base sólida, compete-nos ver que inferências podem ser feitas e quais são os pontos específicos em torno dos quais todo o mistério gira. Na terça-feira à noite, recebi telegramas do coronel Ross, o proprietário do cavalo, e também do inspetor Gregory, que está investigando o caso, solicitando minha cooperação.”

“Terça-feira à noite!” exclamei. “Estamos na manhã de quinta-feira. Por que não viajou ontem?”

“Porque cometi uma tolice, meu caro Watson — o que, aliás, é uma ocorrência muito mais comum do que pensariam os que só me conhecem através das suas memórias. O fato é que não consegui acreditar que o cavalo mais extraordinário da Inglaterra pudesse ficar muito tempo escondido, em especial num lugar tão esparsamente habitado como o norte de Dartmoor. Passei cada hora do dia de ontem esperando ouvir que ele fora encontrado e que seu raptor era o assassino de John Straker. Mas quando uma outra manhã havia chegado e constatei que, além da detenção do jovem Fitzroy Simpson, nada havia sido feito, senti que chegara a hora de entrar em ação. Apesar disso, de certo modo, tenho a impressão de que o dia de ontem não foi desperdiçado.”

“Então elaborou uma teoria?”

“Pelo menos consegui apreender os fatos essenciais do caso. Vou enumerá-los para você, pois nada melhor para elucidar um problema que expô-lo para outra pessoa, e certamente

não posso esperar sua cooperação se não lhe mostrar nossa posição inicial.”

Recostei-me nas almofadas, soltando baforadas do meu charuto, enquanto Holmes, inclinado para a frente, marcando os pontos na palma da mão esquerda com seu comprido e magro dedo indicador, fez-me um esboço dos fatos que haviam ocasionado nossa viagem.

“Silver Blaze”, disse, “é da estirpe do Isonomy e tem uma ficha tão brilhante quanto a de seu famoso ancestral. Está com cinco anos agora e arrebatou todos os prêmios do turfe para o coronel Ross, seu feliz proprietário. Até o momento da catástrofe, era o favorito absoluto para a Copa Wessex, pagando três por um. Mas, mesmo pagando tão pouco, como sempre foi um favorito absoluto em meio ao público do turfe e nunca o decepcionou, enormes somas de dinheiro foram apostadas nele. É óbvio, portanto, que há muita gente extremamente interessada em impedir que Silver Blaze esteja lá quando for dada a largada na próxima terça-feira.

“Isso foi compreendido, é claro, em King’s Pyland, onde se situa o haras de treinamento do coronel. Tomaram-se todas as precauções para vigiar o favorito. O treinador, John Straker, é um jóquei aposentado que correu com as cores do coronel Ross até ficar pesado demais. Serviu ao coronel cinco anos como jóquei e sete como treinador, sempre se provando funcionário zeloso e honesto. Tinha três rapazes sob seu comando, porque o estabelecimento era pequeno, com não mais que quatro cavalos. Toda noite um deles ficava de vigia na cocheira, enquanto os outros dormiam no celeiro. Todos os três têm

excelente caráter. John Straker, que é casado, morava numa casa a cerca de cento e oitenta metros das cocheiras. Não tem filhos, mantém uma criada em casa e goza de boa situação financeira. A região é muito erma, mas menos de um quilômetro ao norte há um pequeno conjunto de casas, construído por um empreiteiro de Tavistock para pessoas doentes e outras que desejassem gozar do ar puro de Dartmoor. A própria Tavistock situa-se a pouco mais de três quilômetros a oeste, ao passo que do outro lado da charneca, também a uns três quilômetros de distância, fica o haras maior de Capleton, que pertence a Lord Backwater e é administrado por Silas Brown. Em todas as outras direções, a charneca é um completo deserto, habitado apenas por um punhado de ciganos errantes. Essa era a situação na noite da segunda-feira passada, quando a catástrofe aconteceu.

“Naquela noite, às nove horas, depois que os cavalos haviam sido exercitados e levados para beber água, como de costume, as cocheiras foram trancadas. Dois dos rapazes caminharam até a casa do treinador, onde cearam na cozinha, enquanto o terceiro, Ned Hunter, ficou de guarda. Alguns minutos depois das nove, a criada, Edith Baxter, saiu em direção às cocheiras com a ceia dele, que consistia de um prato de carneiro ao curry. Não levou nenhum líquido, porque havia uma torneira na cocheira e uma regra ditava que o rapaz de serviço só devia beber água. Tinha consigo uma lanterna, porque estava muito escuro e o caminho atravessava a charneca descampada.

“Edith Baxter encontrava-se a menos de trinta metros da cocheira quando um homem surgiu das trevas e mandou que

parasse. Quando ele entrou no círculo de luz amarela projetada pela lanterna, ela viu que era uma pessoa com porte de cavalheiro, trajando um terno cinza de *tweed* e um boné de pano. Usava polainas e levava uma bengala pesada com um castão bojudo. O que mais a impressionou, contudo, foi a extrema palidez do rosto do desconhecido e o nervosismo de suas maneiras. Pareceu-lhe ter provavelmente mais de trinta anos.

“Pode me dizer onde estou?” perguntou o homem. ‘Eu havia quase decidido dormir na charneca quando vi a luz da sua lanterna.’

“Está perto do haras de King’s Pyland’, respondeu ela.

“Oh, não diga! Que golpe de sorte!’ exclamou ele. ‘Pelo que soube, um cavaliço dorme lá sozinho todas as noites. Talvez seja a ceia dele que está levando agora. Bem, tenho certeza de que a senhorita não seria orgulhosa a ponto de recusar o preço de um vestido novo, seria?’ Tirou do bolso do colete um pedaço de papel branco dobrado. ‘Entregue isto ao rapaz esta noite e terá o mais lindo vestido que o dinheiro pode comprar.’

“Assustada com a impetuosidade do homem, a moça correu até a janela por onde costumava entregar as refeições. Encontrou-a já aberta e Hunter abancado a uma mesinha lá dentro. Começara a lhe contar o que acontecera quando o estranho reapareceu.

“Boa noite’, disse ele, olhando pela janela. ‘Queria trocar algumas palavras com você.’ A moça jurou que, enquanto ele falava, notou a pontinha do papel saindo-lhe da mão fechada.

“O que está querendo por aqui?’ perguntou o rapaz.



“Um homem surgiu das trevas.”

[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1892]

“Um negócio que talvez lhe renda algum dinheiro’, disse o outro. ‘Vocês têm dois cavalos para a Copa Wessex — Silver Blaze e Bayard. Dê-me o palpite certo e não sairá perdendo. É verdade que, pela pesagem, Bayard poderia dar ao outro cem metros de vantagem em um quilômetro e que o haras jogou seu dinheiro nele?’

“Então é um desses malditos vendedores de informações de cocheira? Vou lhe mostrar como os tratamos em King’s Pyland.’ De um salto, o rapaz correu até o outro lado da cocheira para soltar o cachorro. A moça fugiu para a casa, mas na fuga olhou para trás e viu o estranho debruçado na janela.

Um minuto depois, no entanto, quando Hunter se precipitou com o cão de caça, o homem tinha desaparecido, e, embora o rapaz tenha corrido em volta de todos os prédios, não conseguiu encontrar vestígio dele.”

“Um momento”, pedi. “Teria o cavaliço deixado a porta destrancada atrás de si ao sair com o cachorro?”

“Excelente, Watson, excelente!” murmurou meu companheiro. “Esse detalhe me pareceu de tal importância que enviei um telegrama para Dartmoor ontem para elucidá-lo. O rapaz trancou a porta ao sair. A janela, posso acrescentar, não era grande o bastante para dar passagem a um homem.

“Depois que os outros cavaliços voltaram, Hunter mandou um bilhete ao treinador, informando-o do que acontecera. Straker ficou nervoso ao ouvir o relato, embora não pareça ter compreendido seu verdadeiro significado. De todo modo, aquilo o deixou vagamente incomodado, e Mrs. Straker, acordando à uma da manhã, deu com ele se vestindo. Em resposta às perguntas da mulher, o treinador disse que não conseguia dormir por estar preocupado com os cavalos e pretendia ir até as cocheiras ver se estava tudo em ordem. Ela lhe implorou que ficasse em casa, pois podia ouvir o tamborilar da chuva contra a janela, mas apesar dessas súplicas ele vestiu sua grande capa impermeável e saiu.

“Ao acordar, às sete da manhã, Mrs. Straker constatou que o marido ainda não voltara. Vestiu-se depressa, chamou a criada e rumou para as cocheiras. A porta estava aberta; lá dentro, viu Hunter, encolhido numa cadeira, mergulhado

num estado de estupor absoluto; a baía do favorito estava vazia e não havia sinal do treinador.

“Os dois rapazes que dormiam no celeiro, sobre o quarto dos arreios, foram rapidamente despertados. Ambos tinham sono pesado e relataram nada ter ouvido durante a noite. Hunter encontrava-se obviamente sob a influência de uma droga poderosa, e como não falava coisa com coisa, deixaram-no dormindo enquanto os dois rapazes e as duas mulheres saíram à procura dos desaparecidos. Ainda tinham esperança de que o treinador, por alguma razão, tivesse levado o animal para fazer exercícios matinais; ao subir o outeiro próximo da casa, de onde se podia divisar todas as charneças da vizinhança, porém, não conseguiram avistar nenhum sinal do favorito; perceberam contudo alguma coisa que os advertiu de que estavam em presença de uma tragédia.

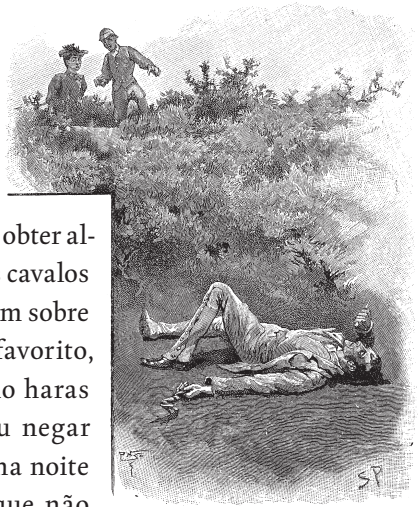
“A cerca de quatrocentos metros das cocheiras, preso aos galhos de um tojo, agitava-se o sobretudo de John Straker. Imediatamente depois havia uma depressão em forma de tigela na charneça, e no fundo dela encontraram o cadáver do infeliz treinador. Tivera a cabeça esmigalhada por um golpe violento desferido com uma arma pesada; apresentava também um ferimento na coxa: um corte longo e limpo, infligido evidentemente por um instrumento muito afiado. Estava claro, contudo, que Straker havia se defendido vigorosamente de seus agressores, pois segurava na mão esquerda uma faquinha ensanguentada até o cabo, ao passo que na direita agarrava uma gravata de seda vermelha e preta, que foi reconhecida pela criada como a usada na noite anterior

pelo estranho que aparecera nas cocheiras. Hunter, ao se recobrar de seu estupor, foi também categórico quanto ao dono da gravata. Mostrou-se igualmente convicto de que o mesmo estranho, enquanto ficara de pé junto da janela, havia misturado uma droga ao seu carneiro ao curry, privando assim as cocheiras de seu vigia. Quanto ao cavalo desaparecido, na lama acumulada no fundo da cavidade fatal havia provas abundantes de que ele estava lá no momento da luta. Mas desde aquela manhã estava desaparecido, e embora uma grande recompensa tivesse sido oferecida, e todos os ciganos de Dartmoor tivessem sido alertados, não se recebera nenhuma notícia dele. Por fim, uma análise mostrou que os restos da ceia deixados pelo cavaliariço continham apreciável quantidade de ópio em pó, embora as pessoas da casa tivessem comido o mesmo prato naquela noite sem nada sofrer.

“Estes são os principais fatos do caso, despidos de toda suposição e expressos da maneira mais crua possível. Passo agora a recapitular o que a polícia fez.

“O inspetor Gregory, a quem o caso foi entregue, é um oficial de extrema competência. Se tivesse sido aqinhoadado com o dom da imaginação, poderia galgar altos postos em sua profissão. Ao chegar, encontrou e deteve rapidamente o homem sobre o qual a suspeita caía naturalmente. Houve pouca dificuldade em localizá-lo, porque era extremamente conhecido nas vizinhanças. Seu nome, parece, é Fitzroy Simpson. É um homem de excelente berço e educação, que esbanjou uma fortuna no turfe e vivia agora fazendo uma tranquila e elegante corretagem nos clubes esportivos de Londres. Um exame

de seus apontamentos revelou apostas num total de cinco mil libras contra o favorito. Ao ser preso, declarou que fora a Dartmoor na esperança de obter alguma informação sobre os cavalos de King's Pyland, e também sobre Desborough, o segundo favorito, a cargo de Silas Brown no haras de Capleton. Não tentou negar que agira como descrito na noite anterior, mas declarou que não tinha nenhuma intenção sinistra e desejava simplesmente obter alguma informação de primeira mão.



“Encontraram o cadáver do infeliz treinador.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1892]

Quando lhe mostraram sua gravata, ficou muito pálido e foi completamente incapaz de explicar a presença dela na mão do assassinado. Suas roupas molhadas mostravam que estivera exposto à tempestade da noite anterior, e sua bengala, uma Penang lawyer reforçada com chumbo, era uma arma perfeitamente capaz de, mediante golpes repetidos, ter infligido ao treinador os terríveis ferimentos que o mataram. Por outro lado, não havia nenhum ferimento em sua pessoa, ao passo que o estado da faca na mão de Straker mostrava que pelo menos um de seus agressores devia ter a marca dela no corpo. Este é o resumo da história toda, Watson, e se você puder me dar alguma luz eu lhe serei infinitamente grato.”